



O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

Amanda Máximo da Silva
Graduada em Letras – Uni-FACEF
amanda_maximo98@hotmail.com

Raquel Balbina da Silva
Graduada em Letras – Uni-FACEF
raquelbalbina@yahoo.com.br

Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF
anafurquim@yahoo.com

Resumo

A escola deve se preocupar com a função social do aluno e em formá-lo como cidadão. Para isso, é necessário desenvolver a capacidade analítica do indivíduo no contexto em que ele está inserido, contextualizando o ensino-aprendizagem com as circunstâncias por ele vivenciada, trazendo uma reflexão que lhe permita desenvolver seu senso-crítico. Dessa forma, o livro didático, apesar de ter sido desenvolvido com o intuito de se tornar um instrumento de ensino, ou seja, um material de apoio para o professor e o aluno, transformou-se em um material generalista, pois apresenta, na maioria das vezes, assuntos de interesses gerais, assim como abordagens pouco contextualizadas. O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar comparativamente o livro didático *Português: linguagens* de Cereja e Magalhães e o *Caderno do Aluno da Secretaria do Estado de São Paulo*, a fim de verificar se algum desses materiais se aproxima das propostas do Círculo de Mikhail Bakhtin sobre gêneros discursivos. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico as reflexões do Círculo de Bakhtin, sobre enunciados concretos como constituintes dos gêneros do discurso, assim como de seus comentadores, entre eles, Fiorin (2006), Brait (2005) e Machado (2005), e os estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa e livro didático, a partir da perspectiva de Marcuschi (2005), Bezerra (2005), Britto (1997), Savioli (1997), Buzen (2005) e Mendonça (2007). O *corpus* de nossa pesquisa é constituído de fragmentos de atividades e de textos verbais e não verbais, presentes em unidades das duas obras em análise e que contemplam os conteúdos exigidos pela Grade Curricular do Estado de São Paulo. Como resultado, verificamos que a perspectiva bakhtiniana sobre gêneros do discurso aparece nos dois materiais analisados, embora, em especial no *Caderno do Aluno*, são tratados como gêneros textuais, evidenciando que seu estudo ainda se encontra atrelado, em muitas situações, aos aspectos formais, desconsiderando os valores sociais e ideológicos que constituem todo enunciado concreto. Enfim, é necessário avançar na busca de um ensino efetivo sobre leitura e produção de gêneros discursivos, principalmente levando em consideração a heterogeneidade das relações humanas e, por conseguinte, a diversidade cultural, social, ideológica e intelectual de nossos estudantes.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Gêneros do discurso. *Caderno do Aluno do Estado de São Paulo*. Livro Didático.

Resumen

La escuela debe preocuparse con la función del alumno y en formalo como ciudadano. Para eso es necesario desarrollar la capacidad analítica del individuo en contexto en que él está inserido, contextualizando la enseñanza – aprendizaje con las circunstancias por él vividas, trayendo una reflexión que le permita desarrollar su censo-crítico. De esa manera, el libro didáctico a pesar de haber sido desarrollado con la intención de convertirse en un instrumento de enseñanza, o sea, un material de apoyo para el profesor y el alumno transformando en material generalista, porque presenta en la mayoría asuntos de interés general, bien como enfoque, poco contextualizado. El objetivo de este trabajo es analizar comparativamente el libro didáctico *Português: Lenguajes* de Cereja e Magalhães y el *Cuaderno del Alumno de la Secretaria del Estado de São Paulo*, a fin de comprobar si algunos de estos materiales se aproximan de las propuestas del círculo de Mikhail Bakhtin sobre géneros discursivos. Para tanto, utilizamos como referencial teórico metodológico las reflexiones del círculo de Bakhtin sobre enunciados concretos como constituyentes de los géneros del discurso, bien como de sus comentaristas, entre ellos Fiorín (2006), Brait (2005) y Machado (2005) y los estudios de la lengua portuguesa y del libro didáctico en la perspectiva de Marchuschi (2005), Bezerra (2005), Britto (1997), Savioli (1997), Buzin (2005) y Mendonza (2007). El corpus de nuestra investigación está constituido de algunas actividades y de textos verbales y no verbales presentes en unidades de las dos obras en el análisis y que contemplan los contenidos exigidos por la “Cuadrícula Curricular” del Estado de São Paulo. Como resultado, verificamos que la perspectiva bakhtiniana sobre géneros discursivos aparece en los dos materiales analizados aunque en especial en el cuaderno del alumno, se tratan como géneros textuales, que evidencian que su estudio aún se encuentra enganchado, en muchas situaciones a los aspectos formales, desconsiderando los valores sociales e ideológicos que constituyen todo el enunciado concreto. Por último, es necesario avanzar en la búsqueda de una enseñanza efectiva sobre lectura y producción de géneros discursivos, principalmente teniendo en cuenta la heterogeneidad de las relaciones humanas y, por lo tanto, la diversidad cultural, social, ideológica e intelectual de nuestros estudiantes.

Palabras claves: Enseñanza y Aprendizaje. Género del discurso. Cuaderno del Alumno de la Secretaria del Estado de São Paulo. Libro Didáctico.

Submissão: 22/10/2018 **Aprovação:** 08/11/2018

1 Introdução

Os estudos do Círculo de Mikhail Bakhtin evidenciam que há uma diversidade de enunciados, para atender as esferas das atividades humanas, conseqüentemente estão sempre relacionadas à língua e à interação entre locutor e interlocutor. Por essa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa não deve ser somente levado em conta, a partir das formas abstratas da língua, mas também as condições de produção e recepção dos enunciados, a saber, o contexto sócio-



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

histórico, as manifestações culturais e ideológicas e a relação entre os sujeitos da comunicação.

Desse modo, o objetivo geral do trabalho é analisar comparativamente o *Caderno do Aluno da Secretaria do Estado de São Paulo* e o livro didático “*Português: linguagens*” de Cereja e Magalhães, a fim de verificar se esses materiais se aproximam das reflexões propostas pelo Círculo de Mikhail Bakhtin sobre gêneros do discurso. Como objetivos específicos, buscamos estudar os gêneros do discurso na perspectiva de Bakhtin; compreender a proposta de ensino dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do Estado de São Paulo; repensar o ensino de Língua Portuguesa; e refletir sobre os gêneros do discurso em relação ao ensino.

Como referencial teórico-metodológico, adotamos as reflexões do Círculo de Mikhail Bakhtin sobre gêneros do discurso e de seus comentadores, entre eles, Fiorin (2006), Brait (2005) e Machado (2005), e os estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa e livro didático a partir da perspectiva de Marcuschi (2005), Bezerra (2005), Britto (1997), Savioli (1997), Buzen (2005) e Mendonça (2007).

Para realizar essa pesquisa, selecionamos o quadro proposto pela *Grade Curricular do Estado de São Paulo* do 1º bimestre do 1º ano de Língua Portuguesa, comparando quais conteúdos foram encontrados no *Caderno do Aluno* e no livro didático, como também foram analisados textos verbais e não-verbais e atividades presentes nesses materiais. No *Caderno do Aluno*, selecionamos três “Situações de Aprendizagem¹”, a Situação de Aprendizagem 2 relata as variantes linguísticas de alguns países que possuem o português como língua materna; na Situação de Aprendizagem 4 traz a história da língua portuguesa, bem como sua origem; e por fim, a Situação de Aprendizagem 5 que está intitulada “A palavra me faz eu...” propondo o valor que as palavras possuem. O *Caderno do Aluno* não indica, aos estudantes, que irá trabalhar com os gêneros do discurso, portanto ele apresenta uma variedade de gêneros e, por meio de atividades, os alunos têm contato com as especificidades dos gêneros em questão.

Os materiais pedagógicos utilizam-se de textos e atividades para trabalharem com gêneros do discurso. O livro didático apresenta uma introdução apenas para explicar o que são gêneros do discurso, como surgem, como “desaparecem”, afirmam que fazem parte da vida de todas as pessoas. Por meio dessa introdução, são trabalhados textos diversificados e atividades reflexivas sobre as diferentes finalidades dos gêneros. As partes analisadas do livro didático constam na unidade 1, “A literatura na baixa idade média”, nos capítulos 2 “Introdução aos gêneros do discurso” e 7 “As variedades linguísticas”. Assim sendo, buscamos, por meio das atividades propostas, a existência das reflexões do trabalho de Mikhail Bakhtin, assim como sua teoria discursiva e dialógica.

O capítulo 2 desta pesquisa trata sobre o conceito de gênero do discurso e o dialogismo, de acordo com os estudos de Bakhtin. Os enunciados que compõem os gêneros do discurso estão intrinsecamente atrelados ao fluxo da comunicação. Desse modo, estão inseridos em determinados contextos sejam eles sociais, históricos ou ideológicos. Ainda, pela perspectiva dialógica da linguagem, não existe um discurso primeiro, isto é, todo enunciado é uma resposta a outros enunciados: afirmando-os, confrontando-os, completando-os, enfim.

¹ Situação de aprendizagem é o nome dado pelos autores do *Caderno do Aluno* para representar cada capítulo.

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

No capítulo 3, é trabalhado o contexto histórico do ensino da Língua Portuguesa, desde o surgimento dos materiais didáticos até a contemporaneidade, destacando a língua em uso como um enunciado real, veiculando, assim, valores sociais, emocionais e ideológicos, pois o enunciado aprimora ideias e valores, além de possuir significações distintas, dependendo do contexto em que está inserido, ao contrário da palavra isolada, que é considerada neutra, não possuindo um destinatário e não está em uso.

O próximo capítulo intitulado como “*Materiais didáticos: caminhos de (in) formações*”, apresenta a análise do *Caderno do Aluno* e do livro didático, com base em como eles são distribuídos e como as atividades são propostas em cada um dos materiais, verificando a possibilidade de existência dos gêneros discursivos, bem como sua abordagem e a forma como estes são apresentados aos estudantes.

O capítulo 5 apresenta as atividades propostas pela *Grade Curricular*, presentes nos materiais pedagógicos, bem como seus conteúdos: textos, imagens, cores, sumários, capítulos, situações de aprendizagem. Sendo assim, foram selecionados alguns capítulos e situações de aprendizagens que conceituam e refletem sobre a Língua Portuguesa, suas variantes, contexto histórico e social.

O último capítulo faz comparações entre o *Caderno* e o livro. Para tanto, apresentamos um gráfico quantificando dos conteúdos exigidos pela *Grade Curricular do Estado de São Paulo*, a fim de verificar se esses conteúdos são trabalhados no *Caderno do Aluno* e no livro didático.

Esperamos contribuir, com este trabalho, socialmente com reflexões sobre práticas docentes e materiais didáticos utilizados na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, portanto, destinamos nossa pesquisa aos profissionais da área da educação; e pessoalmente, pois reflexionamos sobre a nossa formação como licenciandas em Letras visando uma análise didática do material trabalhado dentro da sala de aula.

2 Gêneros do discurso: algumas considerações

A concepção de gêneros do discurso postulada pelo Círculo de Bakhtin relaciona os enunciados com as diversas esferas de atividades humanas. Como afirma Bakhtin (2000, p. 279)

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua- recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais- mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Historicamente, o conceito de “gêneros” surgiu a partir da obra *A República*, de Platão que elaborou a tríade para dividi-los, os primeiros dessa separação são a tragédia e a comédia, seguidos do ditirambo e da epopeia. Essa divisão de Platão serviu de base para a *Poética* de Aristóteles, considerando os gêneros como “obra da voz” e os dividindo em lírico, épico e dramático. Aristóteles leva em consideração o modo de representação mimética baseado nos meios, nos modos e nos objetos. Esses estudos, presentes nos campos da Poética e da Retórica, são consagrados, principalmente, na esfera literária.

Especialmente nas décadas de 1920 e 1930, Mikhail Bakhtin, juntamente com um conjunto de intelectuais cientistas, entre eles, Voloshinov, Medviédev, Kanaev, Yudina, etc desenvolveram pesquisas de reflexões gerais que dialogavam com debates relacionados ao tempo e ao espaço da época, não como um mero espelhamento, mas como uma interpretação da realidade. Esse movimento nomeou-se de Círculo de Bakhtin.

Bakhtin afirma que, por mais variável que sejam as esferas de atividades humanas, elas estarão sempre relacionadas à língua, ou seja, a enunciados orais e escritos, concretos e únicos. Em sua trajetória, desenvolveu análises da linguagem com base em discursos filosóficos, científicos, artísticos e da linguagem cotidiana, ou seja, a linguagem como constante processo da interação humana.

Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, estão inseridos no campo dessa emergência. Aqui as relações interativas são processos produtivos da linguagem. Consequentemente, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra (MACHADO, 2005, p.152).

Desse modo, a comunicação é realizada, uma vez que essa construção de enunciados se faz recíproca, seja a interação entre locutor e interlocutor, verbal ou não verbal. É notável que essa comunicação aconteça quando ambos participam em igualdade ao nível de interação, ou seja, aquele que enuncia faz uma seleção de palavras, para formular um discurso e ser compreendido pelo destinatário, em resposta, o interlocutor interpreta, compreende e responde de forma apropriada àquele enunciado.

Essa resposta é, primeiramente, formulada interiormente (pensamentos) e, em seguida, por meio da linguagem, sendo ela verbal ou não verbal, oral ou escrita, possuindo uma relação direta com a vida. Na visão bakhtiniana, a comunicação é de suma importância, pois os gêneros discursivos são adquiridos por meio da interação e dos enunciados concretos que utilizamos para nossa comunicação. Os gêneros do discurso são considerados como a manifestação da cultura e não unem somente o enunciador e destinatário, mas também pessoas e sistemas de linguagens, dessa maneira, eles não podem existir fora do tempo-espaço. Essa reflexão considera o sujeito como importante aliado das esferas de comunicação e, para cada esfera, existem gêneros apropriados. É necessário, ainda, considerar os contextos, sendo eles, históricos, sociais, culturais e ideológicos.

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

A palavra isolada é considerada neutra, não possui um destinatário e não está em uso, a partir do momento que ela passa a estar em uso, é um enunciado. O enunciado é o uso real da língua, possui valores sociais, emoções e ideologias. A palavra no enunciado ganha ideias e valores, além de transmitir significados distintos em variados contextos. Bakhtin aponta, portanto, a diferença de enunciado e oração, o primeiro é uma unidade concreta que mantém a interação com o outro, enquanto a oração é um sistema de língua abstrato e só está relacionado com outras orações.

É por meio da interação com o outro que conhecemos o seu “particular”, nas palavras de Brait (2005, p. 62) “só têm sentido na articulação com outros termos”. É por meio da linguagem e da comunicação que o diálogo acontece. O conhecimento da língua é a ponte entre o sujeito e a sociedade e, para haver um bom entrosamento de ambas as partes, é necessário que se obtenha um certo domínio do gênero.

Os estudos do Círculo de Bakhtin sobre gêneros do discurso partem do pressuposto de que não existe discurso primeiro e que um se apropria do outro, sendo uma fonte inesgotável de diálogos como uma rede de discursos que não se repetem, mas que podem ser retomados de formas diferentes, em outros contextos sócio- ideológicos e espaço-temporais.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Os gêneros do discurso se constituem como enunciados a fim de produzir/falar determinado assunto e atender as diversas finalidades das esferas de atividades humanas, seja de sua natureza histórica, polêmica, artística, informativa etc. Utilizar um gênero para desenvolver um discurso significa conhecer suas características, para poder unir o que se quer passar e como veicular, por meio da seleção dos recursos linguísticos e visuais, o intuito discursivo para, efetivamente, haver interação social. Ao passar do tempo, esses gêneros vão se modificando, pois cada momento histórico é diferente, com sujeitos diferentes, valores sociais e ideologias outras.

Nas palavras de Machado (2005, p. 154):

Bakhtin alcançou essa outra dimensão da cultura letrada, não analisando o seu impacto sobre a cultura oral, nem polarizando tradições, mas examinando a insurreição de uma forma dentro da outra, no mais autêntico processo dialógico. Nela os discursos e processos de transmissão das mensagens se deixam contaminar, permitindo o surgimento dos híbridos.

Como já mencionamos, os gêneros são enunciados relativamente estáveis, que atendem às diversas esferas das atividades humanas. Nesse contexto, podem ocorrer misturas de gêneros, tornando-os híbridos, além disso, essa estabilidade pode ser alterada de acordo com as necessidades das esferas humanas. Os gêneros, portanto, estão abertos a possíveis modificações e esse



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

processo contínuo de mudanças auxilia na organização das atividades das esferas humanas, conduzindo o agir para que adaptemos às novas experiências.

Bakhtin não leva em conta apenas o produto “pronto e acabado”, mas todo o processo de sua formação. A concepção de gênero não está mais centrada na forma estática do gênero literário, mas sim, na relação da produção humana com a comunicação. Sendo assim, é possível identificar constantes movimentos não somente em diálogos, mas também entre textos, discursos e arte. De acordo com Bakhtin, a língua vai além de sua característica formal, como sistema, ela passa a ser o enunciado das esferas do discurso, ou seja, uma unidade de comunicação humana.

Os gêneros do discurso são formados por conteúdo temático, estrutura composicional e estilo que estão intrinsecamente ligados, estabelecendo uma interconexão da linguagem com a vida social. O conteúdo temático, por exemplo, não é o assunto específico, mas sim, o domínio de sentido que se ocupa o gênero. Já a construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo, atendendo as necessidades de cada autor, enquanto o estilo é uma seleção de recursos linguísticos, como lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado, ou seja, é o dizer do enunciador e o entender do enunciatário. Dependendo do gênero escolhido, é notável a presença do estilo individual, em que o autor possibilita, por meio de suas escolhas linguísticas, ser reconhecido e apresentar expressões próprias, além de seu tom emotivo valorativo.

O enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes -; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades. As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço etc. Nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade (BAKHTIN, 2000, p. 283).

Como vimos, não são todos os gêneros aptos ao estilo individual, os gêneros mais propícios são os artístico-literários, pois a literatura com sua variedade de gêneros proporciona essa individualidade. Na maioria dos gêneros padronizados, o estilo individual entra como um produto que complementa o enunciado.

O estilo, mesmo individual, está na relação com o outro, vai além dos traços estilísticos presentes em discursos literários, dirige-se às possibilidades de escolhas para a construção dos enunciados que, à frente da comunicação, contestam a outros enunciados, ou seja, um ciclo inacabado de enunciados que conduzem vozes, valores e contexto social.

Para Bakhtin, o estilo está também indiscutivelmente atado ao conteúdo temático, ao contexto sócio-histórico, econômico e cultural.

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

Conseqüentemente, relaciona-se às mudanças sociais e históricas, de modo que, com a evolução humana e tecnológica, é extensivo aos gêneros que, juntamente com o meio vivenciado, renovam-se e se reestruturam para que possam estar de acordo com as finalidades de cada atividade humana.

De acordo com Fiorin (2006, p. 90), “o gênero vive no presente, mas lembra-se de seu passado, de sua origem, conserva a memória artística no processo de evolução”, pois o enunciado é considerado como uma unidade de comunicação, é formado de enunciações anteriores e posteriores, inserido em um contexto sócio-histórico.

Um enunciado se constitui em relação aos enunciados que precedem e que o sucedem na cadeia da comunicação. Com efeito, um enunciado solicita uma resposta, resposta que ainda não existe. Ele espera sempre uma compreensão responsiva ativa, constrói-se para uma resposta seja ela uma concordância ou uma refutação (FIORIN, 2006, p. 32).

O destinatário exerce um papel de grande importância, é para quem o enunciatador se dirige e, a partir dele, são feitas as escolhas, sem ele não haverá uma atitude responsiva ativa e essas repostas estão marcadas por valores, ideologias etc. O enunciado só pode ser considerado como acabado se obtiver a atitude responsiva ativa, enquanto isso, ele será inacabado. O possível destinatário poderá concordar ou discordar com o enunciado, mas o importante é a atitude responsiva ativa, é por meio dela que o enunciado se constitui. Para Bakhtin, a pessoa somente se constitui pela alteridade, ou seja, pelo olhar do outro, havendo essa resposta ativa.

O enunciado concreto mantém a relação direta com a vida e com outros enunciados, é considerado único, ocorrendo uma única vez, mas está sempre em constante construção. É importante conhecer a esfera em que o gênero foi criado, para entender o seu contexto e as finalidades das atividades humanas, enfim, os gêneros do discurso têm que estar relacionados aos valores sociais e a historicidade.

Há três tipos de destinatários, sendo eles: o destinatário concreto, é aquele que participa diretamente do enunciado, como um diálogo informal entre amigos; o destinatário presumido, quando há a possibilidade de possuir diferenciados destinatários, por exemplo, em uma publicação da rede social, o destinatário poderá ser o professor, o advogado, o pai, etc; e, por último, o superdestinatário², é aquele que rompe com o tempo e o espaço.

Considerando a interação entre sujeitos, Bakhtin não se utiliza da noção de “emissor” e “receptor”, pois esses termos representam uma transmissão de

² É considerada a terceira pessoa de todo enunciado, busca a compreensão e possui a resposta responsiva ativa. Como afirmam Morson e Emerson (2008, p.151), “[...] todos os enunciados pressupõem e requerem um ouvinte, uma “segunda pessoa” [...]. O enunciado conta com e é moldado pela compreensão responsiva da segunda pessoa. Mas além dessa segunda pessoa há também uma terceira pessoa [...] Assim, com maior ou menos grau de percepção, todo enunciado constitui-se igualmente de outro tipo de ouvinte, o ouvinte supremo ‘em quem se presume uma compreensão responsiva absolutamente justa, seja a certa distância metafísica, seja no tempo histórico distante”.

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

mensagens do emissor, e o receptor não possui uma atitude responsiva ativa, sendo considerado um “ouvinte passivo”. Conforme Machado (2005, p. 156)

Quando considera a função comunicativa, Bakhtin analisa a dialogia entre ouvinte e falante como um processo de interação “ativa”, quer dizer, não está no horizonte de sua formulação o clássico diagrama espacial da comunicação fundado na noção de transporte da mensagem de um emissor para um receptor, bastando, para isso, um código comum.

Não é possível pensar na função comunicativa sem considerar o processo da interação ativa. Para Bakhtin, o sujeito está o tempo inteiro se comunicando, em nenhum momento possui uma atitude passiva. Essa comunicação pode ocorrer por meio do silêncio, de um programa de televisão, de uma conversa com um amigo, ou seja, por uma resposta vocalizada ou não.

Bakhtin (2000, p. 257) afirma que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, imediatamente assume em relação a ele uma postura ativa de resposta”, dessa maneira, não é possível pensar na função comunicativa, sem levar em conta o processo de interação ativa, pois falante e ouvinte estão o tempo todo se comunicando.

Os gêneros se constituem a partir das necessidades culturais. Em um discurso reverbera tantos outros discursos, pois só o Adão teve sua palavra pura, inédita. Nos estudos do Círculo de Bakhtin, é analisada a expressividade dupla, de maneira que a própria expressividade é alheia (a expressão, o juízo de valor, a expressão, entre outros), ou seja, a expressividade do enunciado acolhe o discurso alheio.

Bakhtin ainda divide os gêneros em primários, que são os gêneros simples, como a linguagem cotidiana usada em um contexto familiar ou uma conversa entre amigos, dos gêneros secundários, esses considerados complexos, são mais elaborados, geralmente presentes na escrita, como uma crônica, um romance. A aquisição dos gêneros ocorre do primário pelo secundário, possibilitando a heterogeneidade, por exemplo, uma mensagem poderá ser transformada em uma crônica.

Podemos compreender os gêneros por cronotopias diversas, como: a obra é atemporal, ela não é fixa dentro do tempo e espaço em que surge, e são esses novos contextos que a obra aparece, que permitem novos sentidos, novas leituras, porque os leitores são outros; a cultura não é um sistema fechado, a distância temporal permite novos olhares; para um sistema cultural ser compreendido, é preciso de um olhar extraposto, diferenciado no tempo e espaço, só esse olhar exterior permite mostrar o “tesouro que a obra tem”, e por último, há infinitas possibilidades discursivas em um enunciado, se o homem evolui, a língua evolui, e conseqüentemente, a comunicação também evolui.

Bakhtin relaciona a linguagem ao dialogismo, isto é, todo enunciado dialoga com outros enunciados que, por extensão, promove outros diálogos, como entre sujeitos (a primeira e essencial forma de diálogo), entre textos, entre discursos, entre gêneros. Concreta e viva, assim é concebida a língua em seu uso real para o pesquisador, todos os enunciados em processo contínuo de comunicação, independentemente de sua forma e dimensão, são dialógicos e neles há a interação da palavra propriamente dita que é também apreciada pelo outro. Nesse contexto, o dialogismo são as relações de sentidos existentes entre os dois enunciados, há uma

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

voz do outro que constrói a consciência e facilita organizar simultaneamente os pensamentos e transferi-los de forma articulada e precisa.

O dialogismo vai além do seu tempo e espaço, não estando somente do momento da enunciação, assim todo enunciado não é visto isoladamente, ele é correlacionado com outros discursos. Fiorin (2006) comenta, na esfera bakhtiniana, que o dialogismo parte de três conceitos: o primeiro de que todo enunciado possui duas vozes e duas posições distintas, é considerado como o modo de funcionamento da língua. A utopia bakhtiniana é a de resistir às forças centrípetas, que são as forças normativas, pelas forças centrífugas, são aquelas que desestabilizam, que transformam a língua em heterogênea. Essa força pode levar ao riso, à carnavalização, momento em que todos são iguais, não há preconceitos e nem diferenças.

O segundo conceito é a incorporação que o enunciador faz das vozes de outros enunciados, e essa incorporação está dividida em discurso objetivado, em que a voz alheia aparece abertamente, e o discurso bivocal, quando não há uma separação nítida entre as vozes.

Já o terceiro, é a ideia da consciência, o indivíduo se forma por meio do seu exterior, as vozes chegam de onde ele vive: “o sujeito é integralmente social e integralmente singular” (FIORIN, 2006, p. 58).

Para utilizar os gêneros do discurso, é preciso ter um domínio sobre os enunciados que os compõem, assim, quanto mais domínio o falante tiver, seja em sua forma, seja nas escolhas linguísticas que constituem seu estilo ou ainda pelo conhecimento dos conteúdos temáticos, mais fácil será sua utilização em cada situação em que se insere a interação social.

3 O ensino de Língua Portuguesa: histórico e discussão

Em 1891, a proposta de ensino para as crianças era a alfabetização, após isso, só continuavam os estudos as crianças de famílias abastadas. Na década de 50, quando a escola era frequentada pelas classes médias e altas, os professores e estudantes só falavam e aprendiam a norma padrão do português, não havia muitas dificuldades, pois o ambiente familiar também proporcionava esse aprendizado.

A partir da década de 50, as escolas passaram a receber estudantes de classes sociais mais desfavorecidas, que não tinham conhecimento da norma culta. Com essa mudança, foram contratados mais educadores independente de suas formações e, para suprir as necessidades de conhecimentos, surgiram os livros didáticos, que facilitam as tarefas e diminuem as responsabilidades do professor, havendo até atividades avaliativas prontas.

Bezerra (2005, p. 40) afirma “se há tipos diferentes de letramento, só há sujeitos menos ou mais letrados, visto que em algum domínio discursivo ele terá mais práticas de letramento e, em outro, menos”. Há diversos gêneros textuais usados em comunicações reais, pois todo contexto, seja ele social ou cultural, que tenha envolvidas a escrita e a leitura é considerado como um evento de letramento. Cada estudante possui mais ou menos dificuldades em algum gênero, pois os gêneros textuais não são usados por todos da mesma maneira. Bezerra (2005, p.



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

40), desse modo, define gêneros textuais como “textos particulares, que têm organização textual, funções sociais, locutor e interlocutor definidos [...]”.

A partir da década de 80, os livros didáticos ampliaram suas variedades textuais, passando a conter textos jornalísticos, com o objetivo de os discentes ficarem mais atualizados, e lerem notícias atuais. No final do século XX, foram introduzidas nos livros didáticos às tirinhas, histórias em quadrinhos e propagandas, com a finalidade de ampliar, de maneira mais lúdica, leituras e estudos de textos retirados de jornais e revistas.

Para Britto (1997), o livro didático traz a “estratégia da facilidade”, pois os textos presentes nesse material, muitas vezes, são elaborados com vocabulários de fácil entendimento. Ainda de acordo com Britto (1997), o material didático simplifica o conhecimento e não trata da realidade dos estudantes.

Os professores da área da linguagem precisam trabalhar também com a língua falada e não somente se pautar nos estudos gramaticais. É preciso ser ensinada a norma culta, principalmente para a modalidade escrita, mas é indispensável respeitar as variedades linguísticas.

O ensino da língua padrão fará parte dos processos de ensino principalmente porque ele visa atender à demanda do mercado de trabalho e das relações sociais na esfera pública [...] tendo em vista o contexto histórico-ideológico vivido pela nação [...] o ensino de língua portuguesa deveria não somente possibilitar um conhecimento sobre a norma padrão em uso pela comunidade como também um conhecimento sobre a variação linguística presente no país, já que é parte do patrimônio cultural da nação (MENDONÇA, 2007, p. 76-77).

O vocabulário do estudante não deve ser considerado como certo ou errado, mas sim como adequado e inadequado para cada situação. Devem ser prioridade os estudos sobre variedades linguísticas, pois muitos estudantes não têm contato com a norma padrão fora da escola e isso acaba desmotivando-os.

Só é possível se comunicar verbalmente, a partir de um gênero textual, sendo que a partir das inovações como celular, redes sociais, rádio etc, é possível notar a “explosão” de novos gêneros (orais ou escritos) e a maior possibilidade de interação. De acordo com Marcuschi (2005, p. 20),

Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem [...] São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer.

Com tantas inovações, e atendendo às necessidades humanas, os gêneros da mesma maneira que surgem, desaparecem, principalmente os que estão ligados à tecnologia. Nenhum gênero é totalmente puro, eles surgem, a partir de gêneros já existentes.

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles, estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente (MARCUSCHI, 2007, p. 21).

É necessário ressaltar, nesse momento, a diferença entre gênero e tipo textual; o segundo é definido pela sua natureza linguística, abrangendo uma narrativa, uma argumentação, uma descrição, etc, enquanto os gêneros textuais³ envolvem os textos que encontramos no nosso cotidiano, como aulas virtuais, bilhetes, piadas, etc. Para Marcuschi (2005, p. 25), “em geral, a expressão “tipo de texto”, muito usada nos livros didáticos e no nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um gênero de texto”. É importante levar para a sala de aula diversos gêneros (orais e escritos) e pedir para os alunos interpretarem e reconhecerem as características de cada gênero.

De acordo com Bunzen (2005, p. 561), “tanto o trabalho do autor do livro didático, como o do professor de língua materna, não consiste apenas reproduzir/transpor as teorias acadêmicas, mas em agir sobre elas, modificando-as”. Dessa maneira, o professor de Língua Portuguesa precisa planejar e passar seu conteúdo, utilizando-se do livro didático como um material de apoio. Cada docente tem uma turma diversa, com estudantes diferentes, cabe a ele decidir o conteúdo de acordo com a realidade de cada sala de aula. Algumas salas possuem mais dificuldades, outras precisam ir além, dessa forma, não é possível o professor seguir o material complementar para todas da mesma maneira.

A construção do livro didático atrai dois lados opostos, sendo eles: o ensino e o mercado. Ao invés desse material ser construído para abrir os horizontes, aprofundar os saberes dos discentes, está dando prioridades aos interesses do consumismo. Em alguns casos:

A escola, seu corpo docente e o próprio autor conspiram contra a liberdade do aluno, já que, sem o seu consentimento, impõem-lhe um instrumento de trabalho que não responde às suas reais necessidades de aprendizado e que, por consequência, não o habilita a ganhar um lugar de participação ativa na vida social, deixando-o à margem do processo decisório, sem competência para administrar autonomamente sua própria vida (SAVIOLI, 1997, p. 115).

Os livros didáticos cortam conteúdos importantes por serem complexos, afetando o ato de pensar dos estudantes, sendo ensinado somente o superficial e não o que é preciso e o que será cobrado fora da escola, como o olhar crítico, a liberdade de discussão (dentro e fora da sala de aula), etc.

O livro didático é (ou deveria ser) apenas um instrumento de apoio à prática pedagógica [...]. Quando o livro se desloca da condição de instrumento para a de ator, substituindo o professor, funcionando em seu lugar, há nessa

³Atentamos para o fato de Marcuschi entender os gêneros como textuais tendo em vista que seu enfoque segue a abordagem sociointeracionista da língua, embora utilize o conceito de gêneros do discurso postulado Círculo de Bakhtin. Desse modo, neste capítulo, empregamos “gêneros textuais” quando se referir à perspectiva teórica de Marcuschi.



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.
inversão de papéis uma negação frontal da liberdade da ação docente, com evidentes prejuízos à liberdade do aluno (SAVIOLI, 1997, p. 119).

Savioli (1997) também ressalta o outro lado do livro didático, considerando-o como um material “portátil”, em que o aluno pode levar para casa para estudar, permitindo aos responsáveis acompanharem as lições e o aprendizado do aluno. Trata, ainda, da durabilidade que faz uso da palavra escrita, permitindo aos estudantes a reflexão e o que foi discutido na escola ser (re)lembrado em casa. Nas palavras de Savioli (1997, p. 121), o estudante “recolhido num espaço propício para a introspecção, livre para ir e voltar a seu gosto ao longo do texto escrito [...] seja para retê-lo na memória, seja para criticá-lo, seja para ampliá-lo, seja para negá-lo”.

Partindo dos pensamentos de Savioli (1997), para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa e diminuição dos “riscos” dos livros, são necessários três tipos de interferência, sendo: a do Estado comprar somente os livros que possuem os requisitos essenciais; a dos professores estarem atentos no momento da escolha dos livros e dos autores; e por último, é necessário que os docentes, responsáveis e a equipe gestora entrem em um consenso, pois muitos livros são escolhidos por causa do “marketing”.

O Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incorporam o papel de investirem na introdução da linguagem enquanto gêneros textuais, trazendo até às escolas o que ensinar e como ensinar.

O professor tem um papel fundamental dentro desta proposta. Ele é quem torna a iniciativa de escolhas e, analisando as necessidades dos alunos que tem, pode planejar o desenvolvimento, aprofundamento e inter-relação dos conhecimentos anteriores obtidos (BRASIL, 2000, p. 65).

É preciso rever a forma pela qual esse conteúdo é apresentado ao estudante. Esse recurso didático não deve ser ensinado apenas como gêneros textuais, mas trabalhando com a compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com o outro.

Marcuschi (2005), em seus estudos, evidencia a importância de compreender o gênero textual como algo flexível e dinâmico, incapaz de ser assimilado por meio de classificações e de descrições linguísticas, como modelos estáticos de confeccionar textos, visto que essa concepção faria do gênero algo reduzido e formalista.

O gênero é uma parte fundamental da atividade humana e social, sendo que o elemento constitutivo da linguagem se enquadra a um segundo plano. A preocupação de se ensinar gênero é atemporal, todavia, parece algo inédito porque sempre conduz o estudioso a descobrir mudanças, já que suas alterações estão diretamente ligadas à transformação da sociedade.

Os gêneros não podem ser considerados objetos enrijecedores de uma ação criativa, caracterizando-se, em contrapartida, como eventos dinâmicos e flexíveis, pode-se afirmar que esses enunciados sempre estarão em um dado foco, modificando-se a cada dia, surgindo emparelhado às necessidades e atividades socioculturais.

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

Em alguns casos, são as formas que determinam os gêneros textuais, já em outros, são as funções que os definem. Todavia, haverá casos em que o gênero presente será determinado pelo próprio suporte ou o ambiente em que aparecem. Partindo desse pressuposto, a aquisição da linguagem reitera o papel dos gêneros na efetiva apropriação dos alunos, utilizando como utensílio principal a vida social, a linguagem como uma ponte que leva o estudante a observar a importância desse gênero na vida (em todos os contextos sociais).

O recurso didático serve como ferramenta de suporte para as atividades comunicativas aprimorarem o raciocínio e desenvolvimento social do indivíduo. Para expandir a competência discursiva dos estudantes, é primordial que se trabalhem em sala de aula os gêneros, de maneira que haja uma linguagem interativa, para que os falantes passem a ser sujeitos, resultando, assim, em uma perspectiva pedagógica que amplia o letramento dos alunos.

O acolhimento dos gêneros como instrumento do processo de ensino-aprendizagem tem como benefício o fato de se denominar como eventualidade prática de materializar a concepção teórica sócio-discursiva em relação à linguagem.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (2000, p. 65), “a análise dos saberes, das necessidades dos alunos e do entorno social fornece os dados básicos para a intervenção pedagógica, a organização curricular, a escolha da metodologia, do material didático e das formas de avaliação”. O objetivo dos materiais complementares é auxiliar os professores no planejamento de suas aulas e atender às necessidades da escola e dos estudantes. Eles não podem ser vistos como um único instrumento de trabalho, é essencial levar para a sala de aula livros, filmes, documentários, músicas, jornais, entre outros materiais. Os professores têm autonomia para ensinar a disciplina da melhor forma para seus alunos, afinal é função do docente identificar a necessidade de cada sala e, com isso, planejar aulas que promovam o desenvolvimento do aluno no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, em especial, na capacidade de ler e produzir bons textos.

4 Materiais didáticos: caminhos de (in)formações

Os materiais didáticos selecionados para esta pesquisa foram o *Caderno do Aluno* do Ensino Médio de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo e o livro *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães do 1º ano do EM. O *Caderno do Aluno* foi desenvolvido juntamente com o *Caderno do Professor* para todos os anos do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, havendo um exemplar por disciplina. Os estudantes recebem os Cadernos por semestre, diferente dos LDs que contêm conteúdo para o ano inteiro. O Livro Didático também é distribuído para todos os anos e separados por disciplinas e, tanto no Caderno do Professor quanto no Livro, as questões já vêm com as respostas prontas, o que, de certa forma, facilita ao educador compreender a proposta trazida pelo CA/LD, possibilitando, assim, maior praticidade quanto ao ensino das atividades recomendadas para a aprendizagem de cada ciclo escolar.

Por outro lado, é de suma importância que o educador não se mantenha totalmente preso aos conhecimentos trazidos pelos materiais didáticos, ou seja, é preciso instigar o aluno, por meio de outras fontes que são eficazes no auxílio à aprendizagem. Uma vez que vivemos em uma era digital, os professores podem



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

usufruir dessas possibilidades como apoio ao CA e LD, por exemplo, ao relacionar um *conteúdo* presente no material didático (proposto pelo governo/MEC) com alguns jogos e sites que retratam o mesmo assunto, sendo possível, desse modo, acrescentar aos estudantes novas fontes de saberes, possibilitando a ampliação de seus conhecimentos e expandindo sua visão em relação ao mundo.

Vale ressaltar que o Caderno do Aluno e o Livro Didático foram elaborados como materiais de apoio para o professor lecionar as disciplinas propostas pela Grade Curricular do Estado de São Paulo, sem fugir dos conteúdos trabalhados nesses materiais, portanto, o Caderno do Aluno e o Livro Didático devem ser vistos pelo educador como materiais de apoio e não como uma fonte única de conhecimento, cabendo ao docente trazer para a sala de aula instrumentos capazes de aguçar o interesse do estudante em relação ao ensino.

4.1 O currículo do Estado de São Paulo: qual seu objetivo?

O Currículo do Estado de São Paulo foi desenvolvido pela coordenação de Gestão da Educação Básica, em 2008, com o objetivo de que todas as escolas do Estado de São Paulo seguissem as mesmas pautas e melhorassem a qualidade de educação para os alunos. Assim, afirma-se, na introdução, que esse material

contempla algumas das principais características da sociedade do conhecimento e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os jovens cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam preparar seus alunos para esse novo tempo. Ao priorizar a competência de leitura e escrita, o Currículo define a escola como espaço de cultura e de articulação de competências e de conteúdos disciplinares (SEE/SP, 2012, p. 9).

Por meio do Currículo, a equipe gestora precisa aprender a ensinar para, depois, os responsáveis ensinarem aos estudantes, desenvolvendo um trabalho coletivo e colaborativo. Ao mesmo tempo que o professor promove o desejo de aprender, o docente irá tornar esse conhecimento prazeroso. É por meio das competências e habilidades do *Caderno do Aluno* que o discente irá desenvolver seu olhar crítico e estar preparado para atuar na sociedade. De acordo com o *Currículo do Estado de São Paulo* (2012, p. 14), “competências, nesse sentido, caracterizam modos de ser, de raciocinar e interagir, que podem ser apreendidos das ações e das tomadas de decisão em contextos de problemas, de tarefas ou de atividades”.

Para desenvolver habilidades e competências, é essencial que o docente de cada disciplina tenha seus métodos, para incentivar os estudantes com os conteúdos propostos. O aluno precisa adquirir uma competência linguística. Sendo assim, ele não precisa dominar somente a norma-padrão, mas saber usar a língua em diversos contextos. De acordo com o *Currículo do Estado de São Paulo* (2012, p. 41)

O desenvolvimento de habilidades entrelaça-se ao conhecimento de conteúdos da área da Linguagem, particularmente à linguagem verbal, visando a construir uma única realidade [...]. Cada Situação de Aprendizagem faz interagir diferentes habilidades que se deseja que os

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos educandos desenvolvam com conhecimentos específicos dos estudos literários e linguísticos. A sequência de conteúdo, não obstante priorize o desenvolvimento de habilidades, procura respeitar, sempre que possível, a ordem mais comum encontrada nos diferentes materiais didáticos a que o professor tem acesso.

A habilidade faz parte da competência, é como o estudante desenvolve essas atividades. O Currículo tem como competências a leitura e a escrita, pois elas ultrapassam as lições escolares, vão além, sendo atividades que permanecem para toda a vida. Os conteúdos do Caderno do Aluno do Ensino Médio se dividem em quatro campos de estudos, sendo eles, linguagem e sociedade (análise da língua e da literatura); leitura e expressão escrita (estudo dos gêneros textuais); funcionamento da língua (análise interna da língua e da literatura); e produção e compreensão oral (estudo do texto oral).

Os conteúdos do Ensino Médio seguem uma linearidade, são divididos por bimestres, mas há conteúdos que são retomados nos bimestres posteriores. As habilidades são divididas de acordo com as séries, buscando, desse modo, progressão às séries anteriores.

4.2 Caderno do aluno: aprendendo a estudar

Ao analisar o *Caderno do Aluno*, verificamos que não possui um sumário, podendo trazer dificuldades no momento de realizar as atividades e os estudos. O material didático traz pouco espaço para o estudante refletir e isso pode ser observado na quantidade de linhas para a resolução das questões, limitando o raciocínio-lógico e a capacidade de expressão do aluno já que esse material possui um espaço demarcado como “lugar da resposta”.

Muitos textos são elaborados especialmente para o “São Paulo Faz Escola⁴”, alguns não apresentam a biografia do autor, podendo prejudicar o conhecimento dos estudantes, pois eles poderiam ampliar seus conhecimentos ao analisarem e estudarem obras. A biografia também é importante e deveria aparecer em todas as obras, dessa maneira, o aluno teria uma maior facilidade ao ler o texto e conhecer o contexto espaço-temporal em que está inserido.

E, assim como a biografia, a falta de aprofundamento em alguns temas também acarreta dificuldades, poderiam ser tratados temas englobando, por exemplo, não somente a literatura, mas outras linguagens como, a pintura, as artes plásticas, a música, a dança, além de uma maior contextualização histórica, social e econômica, pois todos esses aspectos contribuem para a construção de sentidos dos enunciados/textos.

Quanto aos exercícios, são propostas simples e apresentam perguntas vagas, fazendo com que os estudantes não desenvolvam seu raciocínio e não lhes motivam a enfrentar suas dificuldades, pelo contrário, muitas vezes, esse material retoma questões repetidas sobre o mesmo tema, tornando-se atividades enfadonhas.

⁴ É um programa que orienta professores e alunos por meio do material de apoio, com o objetivo de que todas as escolas sigam os conteúdos estipulados pela Matriz Curricular do Estado de São Paulo ao mesmo tempo.

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

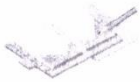
São apresentados, aos estudantes, vários exercícios sobre gramática, sem a explicação prévia dos conteúdos exigidos nas atividades, apresentam a norma-padrão como único meio viável de comunicação escrita e oral. Os conteúdos são trabalhados superficialmente, com textos recortados, pois, muitas vezes, aparecem apenas trechos das obras. Por exemplo, o texto “A confissão da leoa”, de autoria de Mia Couto, cujo objetivo é estudar as estruturas narrativas do conto, é apresentado de forma fragmentada, como podemos verificar a seguir:

Todas as manhãs a gazela acorda sabendo que tem que correr mais veloz que o leão ou será morta. Todas as manhãs o leão acorda sabendo que tem que correr mais rápido que a gazela ou morrerá de fome. Não importa se és um leão ou uma gazela: quando o Sol desponta o melhor é começares a correr (SEE/SP, 2014-2017, p.48).


O conhecimento é subdividido em partes que, trabalhadas separadamente, podem vir a não possuir relevância. Desse modo, dificulta a compreensão e a percepção que o determinado texto tem em sua íntegra.

Em cada *Situação de Aprendizagem*, aparecem alguns itens como: “Para saber mais”, são quadros que indicam sites, livros, filmes, ou até uma sucinta biografia para situar os estudantes no conteúdo do material; “O que eu aprendi?” aparece no final de cada Situação de Aprendizagem, de maneira sintetizada, dificultando ao estudante refletir e escrever sobre o conteúdo da situação completa; “Você aprendeu?” são apresentados exercícios rápidos que retomam conteúdo estudado, com perguntas que levam a respostas subjetivas, como: “Que conteúdos gostou de estudar? Por quê?”, “Que conteúdos não despertaram o seu interesse?”, “Se você fosse o professor, o que teria feito para que esses conteúdos menos interessantes se tornassem mais agradáveis de estudar?”, “Que conteúdos você precisa voltar a estudar, porque ainda não compreendeu ainda de modo suficiente?”. A partir desse tipo de perguntas, podemos questionar: será que os alunos são ouvidos e, a partir daí, ocorrem mudanças nesse processo de ensino-aprendizagem? Seguem exemplos dessas atividades:

Figura 1- Conteúdos aprendidos



VOCÊ APRENDEU?



Considere tudo o que você estudou nesta disciplina até este momento, reflita e responda no caderno quais conteúdos:

- Foram agradáveis de estudar? Por quê?
- Foram pouco interessantes? Por quê?
- Você compreendeu tão bem que poderia explicá-los a um colega?
- Você gostaria que fossem explicados de novo porque não conseguiu entendê-los bem?



PARA SABER MAIS

O que acontece quando um jovem brasileiro aceita levar um objeto contrabandeado para Portugal? Esse é o ponto de partida do **filme** *Terra estrangeira* (direção de Walter Salles e Daniela Thomas, 1995, 100 min., livre). Depois de chegar a Portugal, Paco ainda se envolve em mais confusões.

A variante diatópica caipira é apresentada com muito bom humor na irreverente história do **filme** *A marvada carne* (direção de André Klotzel, 1985, 100 min.). As aventuras de Carula para conseguir casar-se são tão engraçadas como as de Quim, seu futuro marido, para conseguir comer um bom churrasco.

Em 1998, o português **José Saramago** ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, um dos mais importantes prêmios que um escritor pode receber. O moçambicano **Mia Couto** é também um autor respeitado em todo o mundo. Procure na internet, bem como na sala de leitura ou na biblioteca de sua escola, livros desses importantes escritores que representam variedades da língua portuguesa diferentes da brasileira.

Fonte: SEE/SP, 2014-2017, p. 23.

As questões discorridas no Caderno do Aluno intitulada como “Você aprendeu?” traz uma tentativa de aprendizagem “participativa”, que irá depender de como será abordada em sala de aula, pois é função da escola formar não apenas indivíduos capazes de responder a uma “prova”, mas sim, prepará-lo como protagonista de sua história, por conseguinte, tornando-o um cidadão.

Há, ainda, o item “Aprendendo a aprender” que são quadros com informações curtas e simples, como pode ser verificado a seguir:

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Figura 2- Aprendendo a aprender



APRENDENDO A APRENDER

Todos os dias entramos em contato com diversos textos. É muito importante identificar as ideias-chave daquilo que lemos. Essas ideias aparecem repetidas no texto por meio de palavras-chave.

1. No texto *Mídia e comunicação de massa*, quais são as palavras-chave?

Fonte: SEE/SP, 2014-2017, p.26.

“Lição de casa” são atividades para serem realizadas em casa, muitas vezes, são pedidos pequenos resumos, para completar quadros, exercícios de fácil interpretação e que não trazem desafio nenhum ao estudante, pois são questões, cujas respostas são facilmente encontradas nos fragmentos ou textos a elas relacionados.

Figura 3 - Lição de casa



LIÇÃO DE CASA



A partir das informações do texto lido, complete o seguinte diálogo pela internet entre Ana Luísa e Pedro:

Ana Luísa 😊 diz: Naum tendi nada da aula de hj de ptg. Esse lance de meio social de que foi socializado... Mó confuso!

Pedro diz: Nada, Ana! Eh simples! Primeiro que não é meio social que o texto dizia. Ali se falava que o homem se torna um ser social a partir do _____ em que ele se encontra.

Ana Luísa 😊 diz: Tah! E dae?

Pedro diz: Isso significa que sozinho ninguém é gênio.

Ana Luísa 😊 diz: Como assim?

Pedro diz: Tudo depende de como uma determinada comunidade trata do _____ que recebeu de seus antepassados. Se ela usa sabiamente tais conhecimentos, essa _____ prospera.

Ana Luísa 😊 diz: E o que isso tem a ver com aula de português?

Pedro diz: _____

Ana Luísa 😊 diz: Legaw, Pedro. Brigadão. Agora fiko bem + claro.

Fonte: SEE/SP, 2014-2017, p.31-32.

Essa atividade, por exemplo, não contempla as propostas de ensino que envolvem os gêneros discursivos, pois há somente como função completar partes de um texto, não levando em consideração sua relação com a vida, ou seja, o contexto sócio-histórico-cultural, os valores sociais e ideologias e o atendimento às finalidades de comunicação das diversas esferas de atividades humanas.

Possui ainda, um quadro titulado “Discussão oral” e nele são encaminhadas questões como “Você gosta de ser poeta?”, “O que é necessário para escrever um poema?”, “Em sua opinião, para que serve a aula de Língua Portuguesa na escola?”, “O que é falar o português?”.



Figura 5- Discussão oral



Discussão oral

- Em sua opinião, para que serve a aula de Língua Portuguesa na escola?
- O que é falar bem o português?

Fonte: SEE/SP, 2014-2017, p. 45.

Vale ressaltar que as questões presentes no item “Discussão oral” são pessoais, podendo o aluno afirmar que não sabe, e o professor terá que aceitar esse tipo de resposta. Por outro lado, essas perguntas, se bem trabalhadas pelo docente, podem suscitar discussões que levam a reflexões que muito contribuirão para a formação do estudante.

4.3 Livro didático: oito décadas de história

O livro, de modo geral, surgiu pela necessidade que as pessoas possuíam em preservar um fato, um acontecimento, ou até mesmo registrarem uma história. Assim, pode-se compreender o livro como uma série de inovações realizadas por diversos povos, com o intuito de que seja passado de geração para geração. De acordo com os estudos de Freitag (2004), durante muitos anos, a única forma encontrada para registrar o conhecimento era escrevê-lo em pedras e/ou tábuas de argila. No decorrer do tempo, surgiram os khartés, eram os cilindros em folhas de papiro (folha para escrever e/ou pintar, feitas em tiras cortadas, umedecidas e batidas, polida após a secagem, criada pelos egípcios, foi o principal suporte descrita na antiguidade). Em seguida, surgiram os pergaminhos, que eram feitos com peles de animais, obtendo maior facilidade na escrita. Anos depois, o códex que era formado de folhas de papiro ou de pele de animais costuradas era o que mais se aproximava do nosso modelo atual de livro.

O livro, como é conhecido atualmente, é original do Ocidente (por volta do século II d.C.), fruto de uma revolução que representou a substituição do códex. Assim, foi possível utilizar os dois lados do suporte, reunir um maior número de textos em um só volume, além de facilitar a leitura.

O primeiro livro impresso que chegou, ao Brasil, foi a Bíblia, trazido pelos colonizadores. No entanto, os livros só passaram a ser feitos no Brasil por meados de 1808, ou seja, quando a família Real portuguesa se mudou para o Brasil e trouxe uma máquina impressora.

O livro é um instrumento de divulgação de valores, de ideias, de crenças, culturas, e seu percurso venceu enormes desafios, ganhando lugar na vida das pessoas e mostrando sua importância no desenvolvimento da sociedade, da economia do país e da cultura.

No Brasil, as primeiras escritas sobre o Livro Didático surgiram no século XIX, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), ficando por muito

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

tempo apenas no papel. Gustavo Capanema, Ministro da Educação no período de 1937 a 1945, fez um decreto que viria a fiscalizar a elaboração do Livro Didático, a fim de uniformizar as informações que iriam ser estudadas dentro do ambiente escolar.

Muitas formas foram estudadas por diferentes governos, para que o livro didático chegasse à sala de aula, mas em 1970, a criação e distribuição dos livros didáticos se configurou como um sério problema no Brasil. No ano de 1964, implantou-se o Regime Militar com o golpe de Estado, por consequência houve a desmobilização do magistério, a privatização do ensino e a divulgação de uma pedagogia cerceada. Dois anos depois, sob a regência do regime militar, foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), com a função de coordenar a produção, a edição e a distribuição dos livros.

A sociedade brasileira viu surgirem inúmeras mudanças na constituição e política do Livro Didático, porém, é no final da década de oitenta e início dos anos noventa que se inicia um movimento de renovação, pois passaram a ser produzidos de forma industrial, atendendo à demanda do mercado.

Embora o Livro Didático tenha surgido, para atender às necessidades dos professores, com o tempo foi se voltando aos estudantes, dessa maneira, foram sendo modificados a linguagem, os textos, as ilustrações, etc, enfim, o conhecimento produzido pelo livro didático tornou-se categórico e simplificado.

O Livro Didático, como sabemos, deveria ser utilizado em sala de aula como um recurso alternativo, e não como um instrumento predominante ou único meio de apresentar determinado assunto. É preciso encontrar nos textos e atividades motivação para os estudantes, despertando a curiosidade, ampliando o conhecimento e abrindo novos horizontes capazes de alargar o modo de interação e compreensão do aluno.

5 Análise do conteúdo dos materiais didáticos: confronto ou solução?

A seguinte análise foi feita a partir do *Livro Didático Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães, que contém 400 páginas, sendo elas coloridas e com variedades de pinturas e imagens, que dialogam com textos e são associadas aos movimentos literários. O material escolhido é a 9ª edição publicada em 2013 e utilizada pelos discentes nos anos de 2015, 2016 e 2017 do 1º semestre do 1º ano do Ensino Médio.

O Livro possui um sumário que apresenta quatro unidades, divididas de acordo com as épocas literárias, são elas: A Literatura na Baixa Idade Média; História Social do Classicismo; Barroco: A arte da Indisciplina; e História Social do Arcadismo. Cada unidade se divide entre 8 a 10 capítulos, com apresentação de temas específicos a serem estudados. No final de cada unidade, aparecem questões do Enem e de Vestibulares.

Ao iniciar uma nova unidade, é apresentada ao aluno uma introdução que contextualiza o assunto que será tratado, a fim de facilitar a compreensão do estudante, além de sugerir filmes, livros, músicas, sites, museus etc. Nessas introduções, são presentes também poemas e pinturas, com análises desses textos e um quadro de “vivências”, o qual propõe ao estudante produzir um conto, um livro, entre outros textos.



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Esse material trabalha com textos verbais e não-verbais, como: imagens, quadros, tirinhas etc, sempre apresentando mais de um texto sobre o mesmo assunto, para que o aluno possa fazer interpretações e comparações; posteriormente seus conhecimentos adquiridos ao decorrer da leitura são testados com exercícios de diferentes formulações. Os textos são retirados de jornais, revistas, antologias, artigos, obras etc; para o trabalho com a diversidade de gêneros que aparecem no cotidiano dos estudantes. Todas as unidades são divididas em quatro partes: Literatura, produção de texto, língua: uso e reflexão, e interpretação de texto.

Será analisada a unidade 1 “A Literatura na baixa Idade Média” com os capítulos 2 “Introdução aos Gêneros do Discurso” e 7 “As variações linguísticas”. A unidade 1 começa apresentando a importância da linguagem, das culturas e de estudar a literatura portuguesa e brasileira.

Figura 6 - Iniciando a unidade 1



Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p.10.

Figura 7 - Iniciando a unidade 1

Fique ligado! Pesquise!
Para estabelecer relações entre a literatura e outras artes e áreas do conhecimento, eis algumas sugestões:

Assista

- *A última legião*, de Doug Lefler; *As brumas de Avalon*, de Uli Edel; *Excalibur*, de John Boorman; *O feitiço de Áquila*, de Richard Donner; *O senhor dos anéis*, de Peter Jackson; *Mais estranho que a ficção*, de Marc Forster; *O baile*, de Ettore Scola; *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore; *A rosa púrpura do Cairo* e *A era do rádio*, de Woody Allen; *A última borboleta*, de Karel Kachyna; *Poesia*, de Lee Chang-Dong; *O carteiro e o poeta*, de Michael Radford.

Leia

- *O mestre das iluminuras*, de Brenda Rickman Vantrease (Sextante); *A dama e o unicórnio*, de Tracy Chevalier (Bertrand do Brasil); *O nome da rosa*, de Umberto Eco (Nova Fronteira); *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino (Companhia das Letras); *Nos passos de... Rei Artur*, de Claudine Glot (Rocco); *A demanda do Santo Graal* (Ateliê Editorial); *Contos e lendas da Távola Redonda*, de Jaqueline Miranda (Companhia das Letras); *Histórias medievais*, de Hermann Hesse (Record); *História da pintura*, de Wendy Beckett (Ática); *Uma breve história da música*, de Roy Bennett (Jorge Zahar); *A vida pelo vídeo*, de Ciro Marcondes Filho (Moderna); *Publicidade – A linguagem da sedução*, de Nelly de Carvalho (Ática).

Ouçá

Ouçá os discos *Musikantiga I* (que contém músicas medievais) e *Cantigas de amigo*, de La Bataglia; a canção "Love song", do grupo Legião Urbana; os discos de Elomar Figueira de Melo, que apresentam canções inspiradas em cantigas medievais; o CD *Sem mim*, com direção musical de José Miguel Wisnik, que reúne canções de Martim Codax (produzido para o espetáculo homônimo do grupo de dança Corpo).

Navegue

- www.auladearte.com.br/historia_da_arte/giotto_estilo_htm
- <http://cantigas.fcsh.unl.pt/>
- <http://cvc.instituto-camoes.pt/literatura/cantigasamigo.htm>
- www.carcassonne.org/

Visite

- Museu da língua portuguesa, em São Paulo, capital.

VIVÊNCIAS

Projeto:
Palavra em cena

Produção e montagem de um varal de textos, de um sarau poético e de uma representação teatral.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos misseis.
[...]

(Manoel de Barros. In: Manuel da Costa Pinto. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73.)

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p.10.

A introdução desse capítulo ocorre pela apresentação de um fragmento da poesia “O apanhador de desperdícios” de Manoel de Barros e a imagem “Escriba

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Medieval” (1910) de Joseph Ratcliffe. Assim, verificamos a concepção dialógica concebida pelo Círculo de Bakhtin, ou seja, um texto refere-se a outro mantendo diálogos entre os discursos que veiculam novos efeitos de sentido.

Como afirmam Cereja e Magalhães (2013. p.10), na Unidade 1

A linguagem é um dos mais importantes patrimônios da humanidade. Por meio dela, interagimos com outras pessoas, traduzindo e expressando nossas experiências e ideias, nossos desejos e sentimentos, nossas opiniões e emoções. Ela também nos permite expressar nossa cultura, as canções, os poemas que criamos.

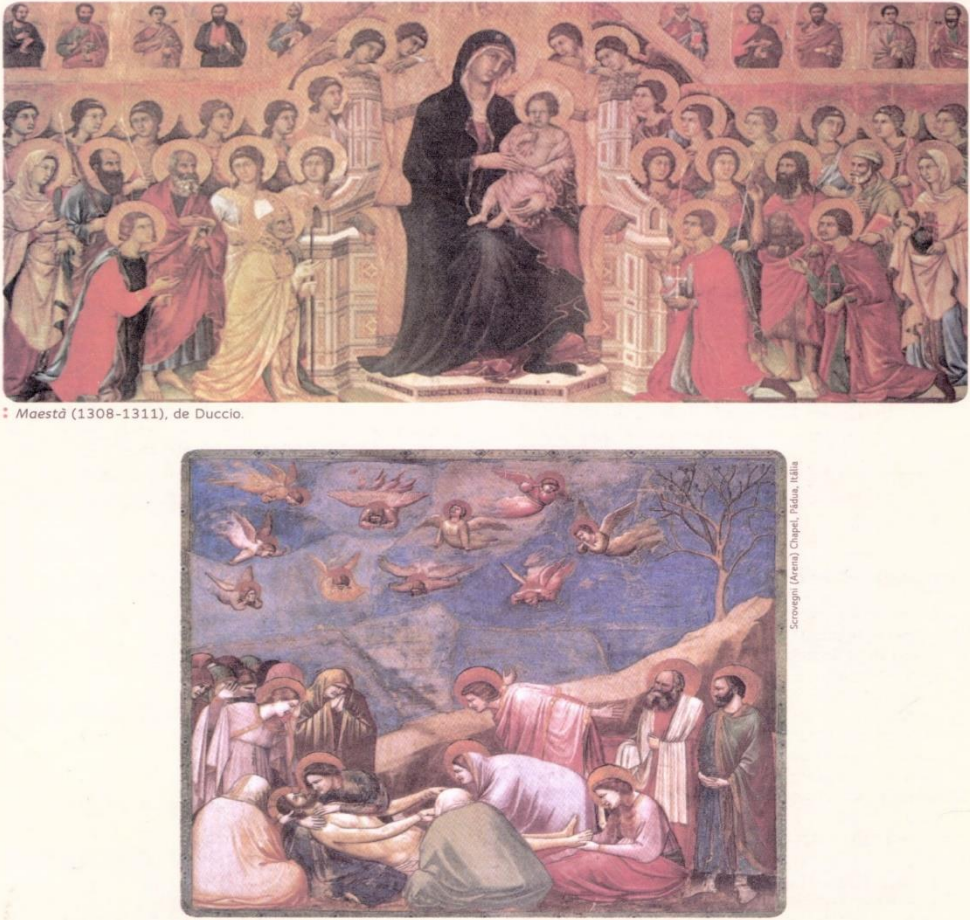
Em seguida, é apresentado o item “Imagem em foco”, possuindo duas imagens que comunicam entre si: “Maesta” (1308-1313) do pintor italiano Duccio e “Lamentação” (1304-1313) do pintor e arquiteto renascentista Giotto. Essas pinturas têm como conteúdo temático a religiosidade, o cristianismo, porém em situações diversas: a primeira a virgem segura o menino Jesus na corte celestial e a segunda trata-se do momento da morte de Cristo, com a lamentação de Maria, Madalena e apóstolos. Ao solicitar uma análise comparativa entre as duas obras, busca-se levar o aluno a responder ativamente sobre os sentidos construídos. Assim, configura-se uma atividade que privilegia o estudo dialógico de enunciados visuais.

Figura 8 - Imagem em foco

A IMAGEM EM FOCO

A arte medieval apresentou várias tendências em sua evolução. As mais conhecidas são a arte bizantina, a arte românica e a arte gótica. Na Baixa Idade Média, essas tendências se misturavam, se renovavam e preparavam a grande revolução que ocorreria com o Renascimento dois séculos depois.

A seguir, você vai fazer a leitura comparada de duas pinturas medievais, nas quais se evidenciam as transformações que a arte vinha sofrendo naquele momento.



The image displays two medieval paintings. The top painting, 'Maestà' (1308-1311) by Duccio, depicts the Virgin Mary seated with the Christ Child, surrounded by a large group of saints and figures in a highly detailed, hierarchical composition. The bottom painting, 'Lamentação' (1304-1313) by Giotto, shows the Lamentation of Christ, with figures gathered around the body of Jesus on the ground, set against a landscape with a tree and flying birds.

Maestà (1308-1311), de Duccio.

Lamentação (1304-1313), de Giotto.

12

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 12.

Reafirma-se, assim, que as esferas das comunicações possuem enunciados que atendem às suas finalidades, portanto, estudantes precisam compreender esses enunciados, a fim de responderem ativamente a eles.

O capítulo 2 “Introdução ao Gênero Discursivo” busca atender à produção textual. Há uma introdução, mostrando que a todo momento as pessoas se utilizam texto para se comunicar.

Figura 9 - Introduzindo os gêneros do discurso

PRODUÇÃO DE TEXTO

CAPÍTULO 2

Introdução aos gêneros do discurso

Em casa, na rua, na escola, no clube, no restaurante, todos nós, no dia a dia, circulamos entre textos. O que é texto? Uma conversa telefônica informal entre amigos é um texto? A letra de uma música que ouvimos pelo rádio é um texto? Um capítulo de novela, um *outdoor*, um letreiro de ônibus, uma conta de telefone, um debate político, um texto publicitário, uma notícia de jornal, uma bula de remédio são textos? Quando falamos, também produzimos textos ou são textos apenas os escritos? Para que servem os textos? O que diferencia um texto do outro?

Os textos que seguem não têm a intenção de dar respostas a todas essas questões, mas estimular você a participar com seus colegas de uma conversa sobre a natureza e a função dos textos.

Leia os textos e, a seguir, responda ao que se pede.

TEXTO I

Crianças infelizes

Uma em cada onze crianças com idade entre 8 e 16 anos está infeliz, segundo um estudo divulgado em janeiro deste ano [2012] pela *Children's Society*. Apesar de a pesquisa trazer à tona uma realidade do Reino Unido, especialistas brasileiros em saúde infantil afirmam que esse não é um problema exclusivo das crianças britânicas. Para eles, mais do que infelizes, elas estão ansiosas, estressadas, deprimidas e sobrecarregadas. "As crianças de hoje estão desconfortáveis com a infância", diz Ivete Gattás, coordenadora da Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). [...]

(Veja, nº 2 256.)

28

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 28.


Figura 10 - Introduzindo os gêneros do discurso

TEXTO II

Como fazer para evitar o câncer de pele?

A exposição prolongada e repetida da pele ao sol causa o envelhecimento cutâneo, além de predispor a pele ao surgimento do câncer. Tomando-se certos cuidados, os efeitos danosos do sol podem ser atenuados. Aprenda a seguir como proteger sua pele da radiação solar.

- Use sempre um filtro solar com fator de proteção solar (FPS) igual ou superior a 15, aplicando-o generosamente pelo menos 20 minutos antes de se expor ao sol e sempre reaplicando-o após mergulhar ou transpiração excessiva (saiba mais sobre filtros solares e FPS).
- Use chapéus e barracas grossas, que bloqueiem ao máximo a passagem do sol. Mesmo assim use o filtro solar, pois parte da radiação ultravioleta reflete-se na areia, atingindo a sua pele.
- Evite o sol no período entre 10 e 15 horas.
- A grande maioria dos cânceres de pele localiza-se na face, proteja-a sempre. Não se esqueça de proteger os lábios e orelhas, locais comumente afetados pela doença.
- Procure um dermatologista se existem manchas na sua pele que estão se modificando, formam “cascas” na superfície, sangram com facilidade, feridas que não cicatrizam ou lesões de crescimento progressivo.
- Faça uma visita anual ao dermatologista para avaliação de sua pele e tratamento de eventuais lesões pré-cancerosas.



Masterfile/Other Images

(<http://www.dermatologia.net/novo/base/cancer.shtml>)

TEXTO III

Do seu coração partido

Sentada junto à sacada para que com a luz lhe chegasse a vida da rua, a jovem costurava o longo traje de seda cor de jade que alguma dama iria vestir.

Essa seda agora muda — pensava a costureira enquanto a agulha que retinha nos dedos ia e vinha — haveria de farfalhar sobre mármore, ondeando a cada passo da dama, exibindo e ocultando nos poços das pregas seu suave verde. O traje luziria nobre como uma joia. E dos pontos, dos pontos todos, pequenos e incontáveis que ela, aplicada, tecia dia após dia, ninguém saberia.

Assim ia pensando a moça, quando uma gota de sangue caiu sobre o tecido.

De onde vinha esse sangue? perguntou-se em assombro, afastando a seda e olhando as próprias mãos limpas. Levantou o olhar. De um vaso na sacada, uma roseira subia pela parede oferecendo, ao alto, uma única rosa flamejante.

Figura 11 - Introduzindo os gêneros do discurso.

— Foi ela — sussurrou o besouro que parecia dormir sobre uma folha. — Foi do seu coração partido.

Esfregou a cabeça com as patinhas. — Sensível demais, essa rosa — acrescentou, não sem um toque de censura. — Um mancebo acabou de passar lá embaixo, nem olhou para ela. E bastou esse nada, essa quase presença, para ela sofrer de amor.

Por um instante esquecida do traje, a moça debruçou-se na sacada. Lá ia o mancebo, afastando-se num esvoejar de capa em meio às gentes e cavalos.

— Senhor! Senhor! — gritou ela, mas nem tão alto, que não lhe ficaria bem. E agitava o braço.

O mancebo não chegou a ouvir. Afinal, não era o seu nome que chamavam. Mas voltou-se assim mesmo, voltou-se porque sentiu que devia voltar-se ou porque alguém do seu lado virou a cabeça de súbito como se não pudesse perder algo que estava acontecendo. E voltando-se viu, debruçada no alto de uma sacada, uma jovem que agitava o braço, uma jovem envolta em sol, cuja trança pendia tentadora como uma escada. E aquela jovem, sim, aquela jovem o chamava.

Retornar sobre os próprios passos, atravessar um portão, subir degraus, que tão rápido isso pode acontecer quando se tem pressa. E eis que o mancebo estava de pé junto à sacada, junto à moça. Ela não teve nem tempo de dizer por que o havia chamado, que já o mancebo extraía seu punhal e, de um golpe, decepava a rosa para lhe oferecer.

Uma última gota de sangue caiu sobre a seda verde esquecida no chão. Mas a moça costureira, que agora só tinha olhos para o mancebo, nem viu.

(Marina Colasanti. *23 histórias de um viajante*. São Paulo: Global, 2005. p. 157-9. by Marina Colasanti.)

TEXTO IV

Vale a pena investir em energia nuclear no Brasil?

Creio que ainda não temos estudos suficientes para o uso da energia nuclear, principalmente em um país como o Brasil, onde a estrutura e segurança dificilmente são prioridades. Acho que devíamos investir em outros métodos de energia, alguma energia sustentável e segura. Agora, devemos nos preocupar um pouco mais com o planeta e com a segurança das pessoas, para garantir um futuro.

(<http://blogs.estadao.com.br/radar-economico/2011/03/18/vale-a-pena-investir-em-energia-nuclear-no-brasil/>)

TEXTO V

Por que sentimos calafrios e desconforto ao ouvir certos sons agudos — como unhas arranhando um quadro-negro?

Esta é uma reação instintiva para protegermos nossa audição. A cóclea (parte interna do ouvido) tem uma membrana que vibra de acordo com as frequências sonoras que ali chegam. A parte mais próxima ao exterior está ligada à audição de sons agudos; a região mediana é responsável pela audição de sons de frequência média; e a porção mais final, por sons graves. As células da parte inicial, mais delicadas e frágeis, são facilmente destruídas — razão por que, ao envelhecermos, perdemos a capacidade de ouvir sons agudos. Quando frequências muito agudas chegam a essa parte da membrana, as células podem ser danificadas, pois,

quanto mais alta a frequência, mais energia tem seu movimento ondulatório. Isso, em parte, explica nossa aversão a determinados sons agudos, mas não a todos. Afinal, geralmente não sentimos calafrios ou uma sensação ruim ao ouvirmos uma música com notas agudas.

Aí podemos acrescentar outro fator. Uma nota de violão tem um número limitado e pequeno de frequências — formando um som mais “limpo”. Já no espectro de som proveniente de unhas arranhando um quadro-negro (ou do atrito entre isopores ou entre duas bexigas de ar) há um número infinito delas. Assim, as células vibram de acordo com muitas frequências e aquelas presentes na parte inicial da cóclea, por serem mais frágeis, são lesadas com maior facilidade. Daí a sensação de aversão a esses sons agudos e “crus”.

Ronald Ranvaud
Departamento de Fisiologia e Biofísica, Universidade de São Paulo
(Ciência Hoje, nº 282, p. 4.)

TEXTO VI



(32º Anuário do Clube de Criação de São Paulo, p. 156.)

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 31.

São apresentados, no material, cinco textos distintos como: trecho de uma notícia da revista *Veja*, uma informação retirada de um site da internet, um conto da autora Marina Colasanti, trecho de notícia de um blog, fragmento de um artigo científico e uma propaganda das Havaianas sobre a Copa do Mundo, ou seja, diferentes gêneros discursivos são apresentados nessa atividade. É interessante observar que os textos selecionados pertencem a gêneros discursivos diversos, tendo em vista que atendem as finalidades de esferas de atividades diferentes como da medicina, artístico-literário, científico e publicitário. Nesse contexto, podemos afirmar que o livro didático trabalha com os gêneros concebidos pelo Círculo de

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Bakhtin, inclusive por meio de exercícios que levam o estudante a refletir sobre as finalidades de cada uma das esferas mencionadas anteriormente. Vejamos essas atividades:

Figura 12- Questões relacionadas aos textos

1. O texto "Do seu coração partido" é narrativo, isto é, conta uma história. O texto narrativo apresenta fatos em sequência: um fato causa um efeito, que dá origem a outro fato, e assim por diante.

a) Uma jovem costurava um traje de seda quando uma gota de sangue caiu sobre o tecido. O que esse fato provocou na moça?

b) O besouro conta à moça que a passagem de um mancebo partira o coração da rosa. Que efeito essa explicação causa na jovem costureira?

2. Compare os textos I e III. Ambos contam fatos. Entretanto, os fatos relatados são de naturezas diferentes.

a) Qual deles conta uma história ficcional?

b) Qual deles relata fatos que acontecem na realidade?

3. Observe os textos II e IV. Qual deles instrui, isto é, indica como devemos proceder para obter determinado resultado?

4. Os textos IV e V abordam assuntos ligados à realidade. Entretanto, cada um deles tem uma finalidade diferente.

a) Qual é a finalidade do texto IV?

b) E a do texto V?

5. O texto VI é um anúncio publicitário relacionado à Copa do Mundo de 2014. Qual é a finalidade dele?

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 31.

Vale ressaltar o estudo do gênero discursivo mencionado nas questões referentes a página 31, em que as atividades propõem aos alunos uma análise que, embora pareça simplória, permitem ao aluno compreender a relação dos gêneros discursivos com a vida, ou seja, o enunciado faz parte do fluxo de comunicação verbal e, por isso, revela finalidades, ideologias, relações intersubjetivas.

O *Livro Didático* leva, aos estudantes, o que é gênero do discurso, como é visto a seguir:

Ao desenvolver a atividade anterior, você deve ter observado que os textos foram produzidos em situações e contextos diferentes e que cada um deles cumpre uma finalidade específica [...] quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja linguagem oral, seja linguagem escrita, produzimos certos tipos de textos que com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo da linguagem e na estrutura [...] De acordo com o momento histórico, pode nascer um gênero novo, podem desaparecer gêneros de pouco uso, ou, ainda um gênero pode sofrer mudanças até transformar-se em um novo gênero (CEREJA; MAGALHÃES; 2013, p. 32).

Esse material trabalha com a visão bakhtiniana do gênero do discurso, como é observado, sua bibliografia traz duas obras "Nada da língua é por acaso" e "Estética da criação verbal". No mesmo capítulo, aparecem explicações sobre gêneros literários (lírico, épico, dramático e os contemporâneos). Mesmo o capítulo sendo descrito como "Produção de texto", não é pedido para que os estudantes o produzam, o que faz com que o capítulo não possua coerência ao título que o conclui.

Ao trabalhar com gêneros, muitas vezes, a escola analisa apenas as estruturas e as formas, deixando de lado a interação e a real função do texto. Para um bom texto, é necessário o aluno refletir sobre a linguagem, produzir seu texto,

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

reler, revisar e reescrevê-lo, sempre levando em conta que o ato de escrever exige atenção e dedicação e não apenas preencher lacunas. Existe uma variedade de textos, pois atende às necessidades das esferas humanas e, para suprir as necessidades dos estudantes, é preciso que o professor de Língua Portuguesa trabalhe por meio de textos. Dessa forma, é essencial que o livro didático amplie a variedade textual.

No capítulo 7, intitulado “As variações linguísticas”, inicia-se com um fragmento de uma poesia “Aos poetas clássicos” de Patativa de Assaré e junto ao poema uma biografia sucinta, do autor, como podemos ver a seguir:

Figura 13 - Introduzindo o capítulo 7

LÍNGUA: USO E REFLEXÃO

Delém Martins/Pulsar Imagens

CAPÍTULO 7

As variedades linguísticas

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia este texto, de Patativa do Assaré:

Aos poetas clássicos

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabulário
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiaá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio

In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá — O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a recordá.

[...]

(www.releituras.com/patativa_poetclassicos.asp)

Quem foi Patativa do Assaré?

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (1909-2002), nasceu em Assaré e se tornou um conhecido poeta popular na região do Cariri, interior do Ceará.

Apesar da pouca escolaridade e da cegueira resultante de uma doença, Patativa guardou, até o final da vida, todos os seus poemas na memória.

Publicou vários livros, porém as gravações em disco e vídeo é que dão uma noção mais completa da expressividade do poeta, que inclui, além das palavras, entonações, pausas, gestos, etc.

78

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 79.



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

Sabemos que a língua em uso transcende a gramática, pois deve ser entendida como uma unidade de comunicação humana, portanto, pode haver variantes linguísticas diversas à norma padrão. Podemos verificar a seguir questões que trabalham com as variantes da língua:

Figura 14 - Questões relacionadas ao poema

1. O poema caracteriza um jeito de falar típico de um contexto brasileiro específico, mencionado no próprio texto.
 - a) Qual é esse contexto e qual termo do poema nos remete a ele?
 - b) Quais recursos são utilizados no poema para caracterizar a fala típica desse universo? Justifique sua resposta com exemplos do texto.
 - c) O título do poema é "Aos poetas clássicos". Qual relação se pode estabelecer entre esse título e o que o eu lírico diz em seus versos?
 - d) Reescreva os termos abaixo, extraídos do texto, de acordo com a norma-padrão da língua.
 - trabaiá
 - insaio
 - tantas coisa bonita
 - parpita
 - e) Na sua opinião, por se tratar de um texto literário, esse poema deveria ter passado por uma revisão antes de ser publicado, a fim de que sua ortografia e sua linguagem fossem adequadas à norma-padrão? Por quê?
2. Nem todos os termos que, no texto, estão grafados em desacordo com a ortografia padrão são exclusivos da fala do universo rural. Dê exemplos de termos que:
 - a) são empregados também no universo urbano, em geral por pessoas menos escolarizadas, da maneira como estão grafados no poema;
 - b) são empregados também no universo urbano, mesmo por pessoas escolarizadas, da maneira como estão grafados no poema.
3. Na terceira estrofe há referência a um livro que o eu lírico lia quando criança e no qual estava escrito, entre outras frases: "Dá-me o dado".
 - a) Essa é uma construção padrão proposta pela gramática normativa, mas pouco comum na fala dos brasileiros, mesmo os escolarizados. Que forma essa construção normalmente tomaria na fala dos brasileiros?
 - b) Discuta com os colegas e com o professor as seguintes questões:
 - A língua portuguesa é uma só? Se não, de que dependem suas variações?
 - O uso da língua pode gerar preconceito? Por quê?

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 79.

No final de cada unidade, são encontradas questões do Enem e de vestibulares, que podem ajudar os estudantes a realizar avaliações para entrar em faculdades públicas.

6 Análise Caderno do aluno e livro didático: problema ou solução?

O ensino de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo está alicerçado na Grade Curricular e visa ampliar o ensino, de acordo com as propostas do Governo do Estado de São Paulo, com a finalidade de uniformizar o ensino em todas as escolas de nível estadual, de modo que todas os estudantes aprendam o mesmo conteúdo no mesmo período de tempo, com o intuito de promover um conhecimento mais igualitário.

O quadro a seguir apresenta o plano proposto pela *Matriz Curricular do Estado de São Paulo*, assim como no *Livro Didático* em análise para, desse modo, analisarmos de forma comparativa os conteúdos sugeridos pelo *Currículo do Estado de São Paulo*.

Quadro 1- Comparação entre *Caderno do Aluno* e *Livro Didático* do 1º bimestre do 1º ano do Ensino Médio de Língua Portuguesa.

Conteúdos	Livro Didático	Caderno do Aluno
Esferas de atividades sociais da linguagem		
As diferentes mídias		X
A língua e a constituição psicossocial do indivíduo		X
A língua portuguesa na escola: o gênero textual no cotidiano escolar		
A literatura na sociedade atual		
Lusofonia e história da língua portuguesa		X
Leitura e expressão escrita		
Estratégia de pré-leitura		
<ul style="list-style-type: none"> • Relações de conhecimentos sobre os gêneros do texto e antecipação de sentidos a partir de diferentes indícios 		
Estruturação da atividade escrita		
<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Construção do texto 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Revisão 		
Textos prescritivo (foco: escrita)		X
Projetos de atividade mediática (reportagem fotográfica, propaganda, documentário em vídeo, entre outros)		
Texto lírico (foco: leitura)		X
Poema: diferenças entre verso e prosa		
Foco narrativo (foco: leitura)		X
Conto tradicional		X
Texto argumentativo (foco: escrita)		
<ul style="list-style-type: none"> • Opiniões pessoais 		X
Texto expositivo (foco: leitura e escrita)		X
<ul style="list-style-type: none"> • Tomada de notas 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Resumo de texto audiovisual (novela televisiva, filme, documentário, entre outros) 		X

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

• Legenda		X
Relato (foco: leitura e escrita)		X
• Notícia		X
Informação, exposição de ideias e mídia impressa		X
Intencionalidade comunicativa		X
Estratégia de pós-leitura		X
Organização de informação e utilização das habilidades desenvolvidas em nossos contextos de leitura		X
Funcionamento da língua		
Análises estética: verbo, adjetivo e substantivo		X
Aspectos linguísticos específicos da construção do gênero		
Construção da textualidade		X
Identificação das palavras, sinonímia e ideias-chave em um texto		X
Lexicografia: dicionário, glossário, enciclopédia		X
Visão crítica do estudo da gramática		
Compreensão e discussão oral		
A oralidade nos textos escritos		X
Discussão de pontos de vista: literatura e arte		
Expressão oral e tomada de turno		X

Fonte: elaborada pelas autoras.⁵

A *Matriz Curricular* busca inserir aos estudos de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio o uso da norma padrão e as diferentes esferas de atividades sociais, levando os alunos a identificarem ideias-chaves de um texto, induzindo-os a uma percepção mais apurada, por conseguinte, proporcionando-lhes a capacitação de elaboração sintática e de atividades a serem realizadas.

Espera-se, ainda, que o aluno do 1º ano do Ensino Médio da rede estadual seja capaz de elaborar sínteses de textos verbo-visuais, compreendendo a linguagem como realização cotidiana em circulação social, por meio de diferentes gêneros textuais, reconhecendo os elementos básicos que envolvem as narrativas literárias. Nesse sentido, já verificamos a presença das reflexões do Círculo de Mikhail Bakhtin sobre gêneros do discurso e sua relação com as esferas sociais, embora esse documento trate como gêneros textuais.

O material didático precisa levar o estudante a reconhecer a língua portuguesa não somente como regras gramaticais, mas também como uma realidade histórica, social e geográfica. Sendo assim, configura-se como manifestação do pensamento, da cultura e identificação de um indivíduo, de um

⁵ No quadro acima relacionamos o “x” aos conteúdos que são encontrados no Caderno do Aluno e no Livro Didático, tentando cumprir, assim, a proposta da Matriz Curricular do Estado de São Paulo.

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

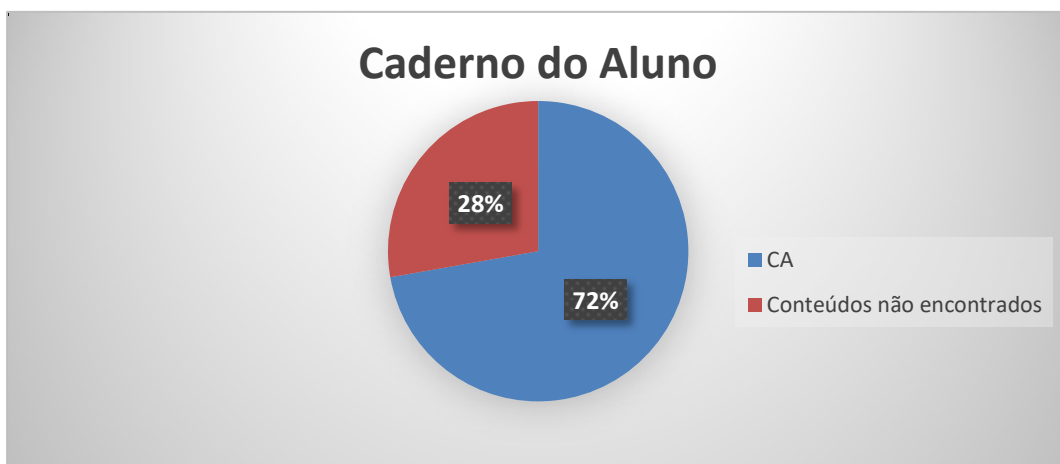
povo que faz parte de uma comunidade, elaborando estratégias de leituras e de produções de textos diversos, sejam eles verbais ou não verbais, conduzindo os estudantes à compreensão e interpretação das diferentes características dos gêneros. Apresentar, aos alunos, os textos não somente para explorar seus conteúdos sintáticos e semânticos, é pensar no texto e seu funcionamento, indo além da coesão e da coerência necessárias para a compreensão da leitura e da escrita.

A *Matriz Curricular* visa, em sua planilha teórica, relacionar a linguagem verbal literária com a linguagem não verbal construindo sentido pela comparação entre textos a partir de diferentes relações intertextuais, encaminhando o aluno à interpretação literária e o levando a uma compreensão mais aprofundada sobre o texto, ampliando sua qualidade de leitura e escrita. Sendo assim, busca-se levar os alunos a analisarem os efeitos semânticos e expressivos produzidos pelo uso dos diversos recursos linguísticos.

Nos gráficos seguintes, elaborados pelas autoras deste trabalho, demonstram-se os conteúdos exigidos pela *Matriz Curricular do Estado de São Paulo* e se são encontrados nos *Livros Didáticos* e no *Caderno do Aluno* (materiais didáticos adotados pela rede estadual de ensino), para análise da relação existente entre os conteúdos contidos nesses materiais, sendo possível, desse modo, verificar se há semelhanças entre os conteúdos encontrados e os objetivos traçados na *Grade Curricular do Estado de São Paulo*. Com isso, buscamos examinar os tópicos julgados necessários a serem ensinados aos alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Numeramos os conteúdos do quadro exigidos na *Matriz Curricular do Estado de São Paulo* e tendo um total de 36 conteúdos, espera-se, que o aluno do 1º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino aprenda, compreenda e domine todos eles no decorrer do ano letivo.

Gráfico 1- *Caderno do Aluno* e conteúdos curriculares de São Paulo.

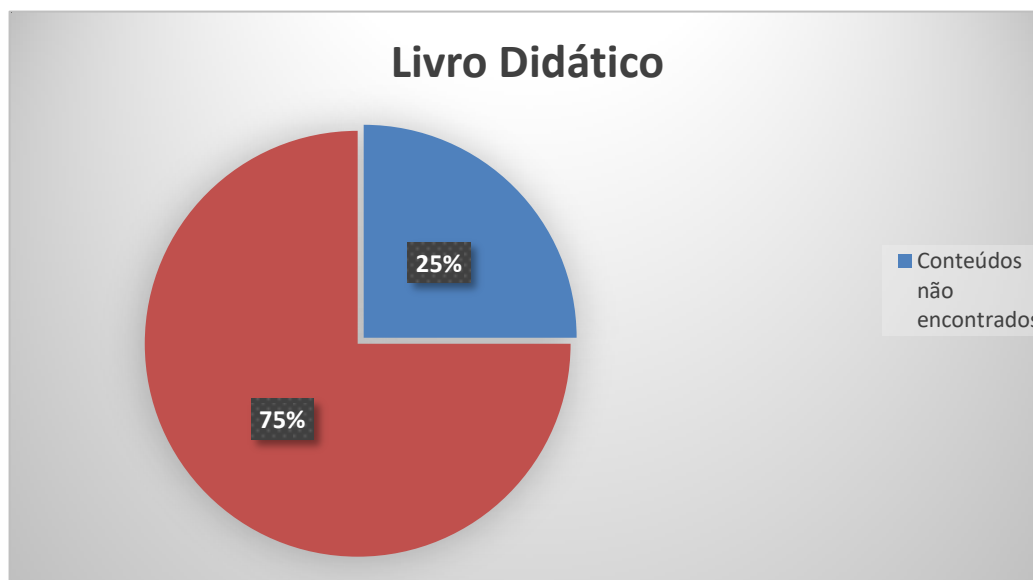


Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados demonstram a execução dos conteúdos exigidos pela *Matriz Curricular* a serem cumpridos no 1º ano do Ensino Médio, sendo assim, nota-se que em 36 tópicos a serem seguidos, temos um total de 26 temas que se fazem presentes ao *Caderno do Aluno*, restando assim, 10 itens que não foram

encontrados no material pesquisado, ou seja, o *Caderno do Aluno* apresenta 72% dos conteúdos propostos pela *Grade Curricular*.

Gráfico 2- Livro Didático e conteúdos curriculares de São Paulo.



Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com o quadro 2, nota-se em um total de 36 conteúdos disponíveis na Matriz Curricular e cerca de 27 itens são trabalhados no *Livro Didático*, desse modo, apenas 9 tópicos não foram mencionados no material, ou seja, o *Livro Didático* atende 75% dos conteúdos propostos pela *Grade Curricular*.

Os percentuais analisados nos gráficos acima nos revelam a posição que se encontram os conteúdos exigidos pela *Grade Curricular* com os trabalhados em sala de aula, tanto no *Caderno do Aluno* como no *Livro Didático*. Nos materiais, observa-se que há um certo nível de comprometimento à base curricular, uma vez que ambos relatam os tópicos diagnosticados necessários para o ensino e aprendizagem desse ano escolar.

Desse modo, observa-se que, no *Caderno do Aluno*, há um total de 26 tópicos cumpridos, de forma breve e resumida, há uma certa lacuna, ao se tratar de determinados assuntos, por exemplo, os gêneros textuais demonstrados no *Caderno do Aluno* são tratados, de forma simplificada e em contextos fragmentados. De outro lado, as classes gramaticais são mais exigidas por meio de exercícios, porém sem nenhum tipo de esclarecimento prévio, o que não leva o aluno a buscar a compreensão das classificações morfológicas necessárias para o cumprimento das atividades propostas. É, na sala de aula, que os estudantes irão aprender a gramática normativa, portanto é preciso que os professores de língua portuguesa adotem novas medidas e não fiquem somente no material de apoio. Para levar os alunos à reflexão e entenderem a importância da língua, é necessário que os docentes relacionem a gramática aos textos, para assim, os estudantes conseguirem compreender que a língua contribui para a construção de sentidos de um texto, mas a língua como recurso, configurando, desse modo, a concepção de estilo proposta por Bakhtin. Nota-se também a inexistência da importância da

O CAMINHO (PER)CORRIDO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: trabalhando os gêneros discursivos

história da língua portuguesa, englobando o ensino e mesclando a diferentes culturas, raças e etnias ligadas pela mesma língua e que apresente ao aluno as diversas variedades do idioma. Como vimos, em relação aos 36 itens, o *Livro Didático* atingiu 27 tópicos da *Matriz Curricular*.

Cabe, ao professor, analisar a sala de aula e mediante as dificuldades encontradas de modo geral e individual avaliar o seu próprio método de ensino, acrescentando o que for necessário, junto ao *Caderno do Aluno* e ao *Livro Didático*. Ter esses materiais didáticos como fonte única de conhecimento não é adequado, pois cada aluno adquire o conhecimento de seu modo e o transfere de forma significativa a si mesmo. Levando em conta essa linhagem de raciocínio, retomemos a ideia trazida neste trabalho que ressalta que a ideia principal do Currículo do Estado de São Paulo e do MEC ao criarem seus materiais eram uniformizar os conteúdos, de forma que todas as séries seguissem juntas no processo ensino-aprendizagem, ideia essa que não obtém o nível de sucesso esperado uma vez que cada sala possui um nível diferente de aprendizagem.

7 Considerações finais

O livro didático deve ser utilizado pelo professor como um fio condutor para suas aulas de Língua Portuguesa, pois é necessário pensar no estudante como sujeito e não como alguém que somente reproduz o que lhe é solicitado, e a linguagem precisa ser abordada pelo professor como indispensável à função social. Assim, o estudo sobre gêneros do discurso contribui para a formação de um leitor e produtor de texto competente, visto que, por essa perspectiva, leva-se em consideração a relação entre língua e práticas humanas.

Nas partes analisadas do livro didático, nota-se a presença dos estudos bakhtinianos, afirmando que as esferas das atividades humanas estão sempre relacionadas à língua, ou seja, são apresentados enunciados orais e escritos, concretos e únicos. Desenvolvemos uma análise sobre a linguagem, o enunciado e a construção de sentidos, existentes em algumas atividades do livro didático, em discursos filosóficos, científicos, artísticos, enfim, a linguagem cotidiana e suas diversas formas de expressões para a interação humana numa relação direta com a vida. Desse modo, notamos, mesmo que de maneira superficial, a presença das ideias bakhtinianas, nas atividades propostas, explorando os gêneros discursivos de forma contextualizada.

Para Bakhtin, os gêneros discursivos são constituídos por enunciados concretos, como necessários às esferas da comunicação. Assim, para cada esfera, existem gêneros específicos, não descartando o contexto histórico, social, cultural e ideológico no qual estão inseridos, considerados, portanto, como uma manifestação da cultura.

Os conteúdos dos livros didáticos, muitas vezes, não atendem somente à construção do saber, à realização da pessoa como cidadão, mas também ao mercado editorial, ao pedagogismo facilitado e reducionista. Por outro lado, o livro didático está na sala de aula e tem que ser trabalhado como um guia e não como um único método de ensino. O professor pode partir dele e apresentar outras formas de ensino, ampliando o conteúdo, levando textos e poemas na íntegra, para evitar o trabalho somente com fragmentos, como, frequentemente, encontra-se nesses



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

materiais didáticos. Desse modo, é preciso levar o aluno a interpretar, contextualizar e a conhecer gêneros discursivos diversos para poder atuar na sociedade como cidadão letrado, consciente e crítico.

O livro didático, assim como o *Caderno do Aluno*, não leva em consideração as ideologias e os valores axiológicos presentes em cada enunciado, uma vez que não lida com as escolhas verbo-visuais, para a construção de sentidos e como parte de um produto cultural em que o indivíduo se insere. Possuem atividades repetitivas que causam desinteresse no estudante o deixando sem senso-crítico e o impossibilitando de desenvolver-se intelectualmente. Nesse contexto, os gêneros não devem ser considerados como produtos constituídos somente por conjuntos de propriedades formais, mas sim como entidades comunicativas que não possuem existência fora do tempo-espaço.

Os gêneros discursivos são estudados no livro *Português: linguagens*, pois são apresentados a partir de sua contextualização, relacionando-os com a vivência do estudante e com a diversidade dos gêneros discursivos. Diferentemente, o *Caderno do Aluno* apresenta uma prática baseada nos gêneros textuais, muito voltados para suas características formais e de forma fragmentada, não permitindo que o estudante consiga conceituar as diferentes esferas de comunicações existentes na diversidade discursiva.

Concluindo, verificamos que o trabalho com os gêneros discursivos e/ou textuais se encontra presente tanto no livro de Cereja e Magalhães – *Português: linguagens* – quanto no *Caderno do Aluno* do Estado de São Paulo. Entretanto, há ainda um grande caminho a percorrer, na busca de um fazer docente efetivo, no que se refere aos estudos da linguagem, em especial, sobre a leitura e produção de gêneros discursivos, que deve iniciar pela conscientização do professor de que os materiais didáticos não suprem todas as necessidades de uma sala de aula, tendo em vista a heterogeneidade existente nas relações humanas, e que revela a diversidade cultural, social, ideológica e intelectual de nossos estudantes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 37-45.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Ensino Médio, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 5 jun. 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: ALB, Mercado das Letras, 1997.

BUNZEN, Clécio. Construção de um objeto de investigação complexa: o livro didático de língua portuguesa. *Estudos linguísticos*, Campinas, n. XXXIV, p. 557-562, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 9. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

FERREIRA, Rita de Cássia Cunha. *A comissão nacional do livro didático durante o Estado Novo*. Assis: UNESP, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93413/ferreira_rcc_me_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 jun. 2018.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAG, Bárbara et al. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil*. Bauru: EDUSC; Uberlândia: EDUFU, 2004.

HISTÓRIA do livro. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/curiosidaddolivro/>>. Acesso em 6 jul. 2018.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MENDONÇA, Marina Célia. Discurso científico, discurso pedagógico e o senso comum sobre língua: a heterogeneidade discursiva dos PCNs. In: RODRIGUES, Marlon Leal; ALVES, Wedencley. *Discurso e sentido: questões em torno da mídia, do ensino e da história*. São Carlos: Claraluz; Dourados: UEMS, 2007, p. 63-78.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAVIOLI, Francisco Roberto. Livro Didático: liberdade ou opressão? In: GREGOLIN, M.R.; LEONEL, M. e M. (Orgs). *O que quer o que pode esta língua?* Araraquara: FCL- UNESP, p. 113-126, 1997.

SEE/SP. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. *Caderno do aluno: língua portuguesa e literatura*. São Paulo: 2014-2017.

[Digite texto]



SILVA, A. M.; SILVA, R. B.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.

SEE/SP. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. *Currículo do estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino Fundamental II e Ensino Médio.* São Paulo: 2012. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/782.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2018.